

O título original desse escrito era simplesmente Gozo, em alusão ao título do livro de Néstor Braunstein, o qual considero um dos melhores livros sobre o tema. A ideia era fazer um resumo desse trabalho. Daí retomei fragmentos de um texto que escrevera em 2009, De um algo ao gozo, também seguindo Braunstein, mas com uma “faca afiada na pedra de Hegel.”¹

O percurso tem início a partir de uma alegoria do Projeto e da carta 52 de Freud, assim como a partir de Lacan ao postular a clínica do Real (isso implica refazer o estatuto da psicanálise?); ou, talvez, dê no mesmo, pois é de algo vivo que se dobra e redobra, porque repetição, onde este algo se cifra e se decifra, que se faz sentido e fora do sentido (*ab-sens*), assim como algo que é condição para toda determinação e é o próprio indeterminado.

Trata-se de um gozo ou um *al*-gozo. Esse “al” remete ao mesmo tempo a *algo*, é um idêntico e diferente – *aliud* do latim implica o um e o outro, *alius*, *alium*. O *al*-gozo era envolto em uma Coisa, ele era a Coisa mesma. Ele “era” num real primordial, antes do big-bang que deu à luz ao ser da linguagem. Todavia, não se deve entender esse “ser” do *al*-gozo como uma existência, pois ele só passa a ser depois de se haver como perdido.

Se há uma ideia científico-naturalista em Freud do Projeto e se esta, por sua vez, remete a John Start Mill (Freud foi seu tradutor) ou Brentano (Freud era estudante quando ele lecionava e publicou sua obra sobre intencionalidade), pouca importa, entre os dois, fico com Hegel, pois é forçoso que o começo projete o fim e o fim o começo – é do especulativo que não se pode fugir para dar sustentação a essa lógica de começo/fim. Importa observar, contudo, que Freud no Projeto justamente tenta fugir do especulativo, tentando se amarrar na fisiologia.

Hegel está presente desde o primeiro seminário de Lacan², apoiando o conceito de gozo a partir da perspectiva elaborada pelo filósofo alemão na Fenomenologia do Espírito com as consciências do senhor e do escravo, isto num campo imaginário, ao qual Lacan se contrapõe ao dizer que a análise se passa no plano simbólico, ou seja, não se trata de intersubjetividade, conforme quadro exposto pelo filósofo. O fio condutor de seu desenvolvimento sobre o gozo avança na obra do filósofo, na Propedêutica e na Filosofia do Direito. Néstor Braunstein o diz de modo irrepreensível

Lacan se nutre com a filosofia do Direito de Hegel, na qual aparece o *Genuss*, o gozo, como algo que é “subjetivo”, “particular”, impossível de compartilhar, inacessível ao entendimento e oposto ao desejo que resulta de um reconhecimento recíproco de duas consciências e que é “objetivo”, “universal”, sujeito à legislação. A oposição entre gozo/desejo, central em

¹ BRAUNSTEIN, N. Gozo. São Paulo: Escuta, 2007, p. 17.

² LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Livro 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

Lacan, tem, pois, raiz hegeliana. Lacan lê Freud com uma faca afiada na pedra de Hegel. (p.16-17).

Talvez a sessão de 26 de maio de 1954, desse seminário, seja inaugural em relação ao termo “gozo” em Lacan (*joie*, não ainda a *juissance*) “A dimensão da alegria, que vai muito longe, ultrapassa a categoria do gozo de um modo que seria preciso destacar.” (p.235). No capítulo chamado A ordem simbólica, sessão de 9 de junho de 1954, Lacan começa a desenvolver a relação do vazio na constituição da dimensão simbólica

Simetricamente, cava-se no real o buraco, a hiância do ser enquanto tal. A noção de ser, desde que tentamos apreendê-la, mostra-se tão inapreensível quanto a palavra. Porque o ser, o verbo mesmo, só existe no registro da palavra. A palavra introduz o oco do ser na textura do real, um e outro se mantém e oscilam, são exatamente correlativos. (p.261).

Essa pode ser uma via para articular gozo no corpo e angústia, sendo esta última o afeto por excelência no campo do Eu³, porque o que os constitui se molda numa linha de continuidade, ou melhor, uma faixa com um lado apenas, o contato é feito pela mediação do gozo.

A referência a um percurso diz respeito ao movimento advindo de uma espécie de arremesso, um “jogar-se” o que se fez corpo contra suas próprias fronteiras, pois corpo é um efeito que surge a partir da palavra que corta, inflando bordas, no gozo do corpo, ou “um mais além do princípio do prazer”, como esclarece Néstor Braunstein

que orienta um retorno incessante de excitações irreprimíveis, uma força constante que desequilibra, sexualiza, torna o sujeito desejante e não máquina reflexa. (idem, p.23).

Isto acontece ao mesmo tempo em que transforma tudo em borda, numa conjugação que circula pelas dimensões do simbólico, do imaginário e do real, assim, como uma posição terceira que se faz primeira e uma posição primeira que se faz terceira, a ordem não importa, antes, importa, fazer furo no simbólico.

Percebe-se então que há um movimento, primeiro cavando o buraco no real, depois, o real cavando um buraco no simbólico. Daí, é preciso estar nesse percurso, um com início a partir de um algo sem borda, ou de um determinado para um algo. Esse algo que se fez necessário pela perspectiva de começo e começo é Coisa. Assim avança Lacan em seu conceito de gozo.

Coisa ou a Das Ding freudiana, que já fez borda, porque algo pulsa e arremessa do repouso ao movimento, da afirmação que no tempo que faz borda, traz em seu bojo uma negação, uma experiência negativa, pois ao estar lá numa determinação é porque já em si se diferencia de outro algo, ou, já se perdeu.

Algo que passará a ser mediado por uma Coisa que já desapareceu antes de surgir, mas que deixou sua marca na carne, suas impressões. Parece ser uma grande aventura e eis que de algo, que se pretendia inteiro, incólume, se fez gozo, um pedacinho

³ LACAN, J. A angústia, Livro 10. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

desprendido dessa Coisa, que é anterior ao significante, ou seja, o que vem antes da simbolização.

Gozo de início e gozo de fim, tanto faz se se trata de uma linha reta, trazendo os cinco pontos de sua trajetória, como imaginou Freud, iniciando com o gozo perdido; seu ciframento no Isso; seu deciframento no inconsciente; o que se faz sentido no pré-consciente e, finalmente, o gozo do decifrado (idem, p.190); tanto faz juntar as duas pontas da linha e formar uma rodinha de barbante, formar três rodinhas e pensar segundo o viés topológico lacaniano da cadeia borromeu.

Talvez uma citação mais longa de Braunstein possa deixar mais clara a concepção freudiana

Freud parte da ideia de uma estratificação sucessiva do psiquismo humano que supõe que os processos anímicos e da memória estão sujeitos a um *reordenamento* que obedece a certas novas circunstâncias. Desta nova ordenação, Freud tem uma clara concepção: é uma *retranscrição*, uma *Umschrift*. As duas palavras em itálico aparecem sublinhadas por Freud. *Umschrift* implica tratar-se de escritura, concretamente, de inscrição. “O essencialmente novo” nesta teoria é a tese da existência da memória da experiência como uma série de inscrições sucessivas e coexistentes, não menos de três. (idem, p.189).

Freud explica na Carta 52 (1896) que há pelo menos 3 tipos de registros, eles são separados, enfatiza que não são separados necessariamente sob o viés topográfico, mas de acordo com os neurônios, seus agentes transmissores; as percepções, onde consciência e memória se excluem mutuamente; o segundo registro a inconsciência e o terceiro é a pré-consciência, vinculada a representações verbais, cujo vínculo é o Eu. Lacan entende que nesta carta há os primeiros passos investigativos de Freud em relação ao inconsciente⁴, acrescenta ainda que se trata de uma distinção entre a topologia do significante e a da pulsão.

Nesse encontro causal permanece presente uma contradição, à qual, de per si, enseja o suporte desse processo, pois ao gozo se opõem o desejo e o prazer, ambos fazendo barra, limite ao gozo e assim Lacan segue sua concepção de gozo, num mais além do princípio do prazer e o insere como mola a ser manejada no trabalho psicanalítico. Ele passou primeiramente pelo “desejo do homem é o desejo do Outro”, neste contexto embutida a máxima fálica, ou todos submetidos à Lei, o que impede a todos de gozar, afinal há um impedimento em relação à Coisa; depois Lacan segue com o desejo do homem advindo da dimensão do gozo, ou seja, o gozo como *causa-dor* do desejo, isto é, do registro do Simbólico ao registro do Real.

Afinal, em que se constitui o conceito de gozo em Lacan? Com certeza não tem absolutamente a ver com o ato sexual, já que o orgasmo é só seu “ponto final”

O momento da abolição de toda demanda na qual o desejo não é cumprido nem satisfeito, mas enganado pelo prêmio do máximo prazer, fugaz e fugidio, denunciado pelos comentaristas mais lúcidos de nosso tempo que

⁴ LACAN, J. As psicoses, livro 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

falam da “novela canônica do orgasmo”, uma neomitologia que tem como um de seus maiores efeitos o de pretender assimilar o gozo feminino ao modelo masculino e borrar as diferenças entre os sexos ao universalizar o gozo peniano como paradigma da satisfação sexual que não existe. Desmentido do gozo feminino no Outro gozo que é, ... a essência da perversão: a crença de que **não** (gn) há outro gozo além do fálico. (idem, p.128).

Talvez esse aspecto ressaltado por Braunstein nos permita entender o que se passa no discurso atual, sobretudo em relação às transexualidades. Indo direto ao ponto, ou direto ao corpo, parece se estabelecer um discurso que esquece que corpo é um efeito de corte, como se uma anatomia fosse preeminente, ou dizer, há um discurso normatizante este sim, obedecendo uma hierarquia à qual toma partido de uma verdade verdadeira em relação ao corpo; afinal, o que se passa? Certo é que ainda será necessário muito debate psicanalítico para superar toda a “mística da sexualidade”(idem, p.129) até que possamos entender por que não existe “*rapport*” (proporção ou razão) sexual, mas existe a sexualidade como efeito da falta, pois “gira em torno desse objeto terceiro que escapa no encontro sexual, em torno do mais de gozo.”(idem, p.129).

Interrogo acerca de uma gradação do gozo – de um gozo inteiro, mortífero, a um gozo fragmentado, permissivo como no *carpe diem* (aproveitar, gozar o dia)? Nada que se diga pode agarrar o gozo em suas entranhas, em seu âmago, tampouco se pode dissecá-lo a ponto de se concluir: eis aí o gozo! Pode-se tentar elucidar, falar sobre o que o cerca, do que se traduz no sintoma – sintoma é gozo, talvez seja o caso de situar essa economia de gozo na clínica.

O ponto de partida do gozo é sua própria impossibilidade de coexistência com a linguagem, com a palavra que lhe faz corte, daí inefável, indescritível por sua própria natureza; sua condição de origem é anterior à linguagem, o gozo do ser, gozo da Coisa, o qual, por sua vez é efeito da linguagem, que introduz a falta e se separa dela. O que vem primeiro? O que há é um efeito retroativo, ou seja, só se diz a Coisa a partir do fato da linguagem. Em Freud trata-se de um excesso de excitação, sigo Braunstein mais uma vez

A teoria traumática do primeiro Freud é a colocação em cena desse excesso de excitação e carga, desse gozo impossível de manejar que se apresenta ultrapassando o sistema amortecedor das representações (Freud), dos significantes (Lacan), que são o lugar do Outro. O gozo: inefável e ilegal; traumático. Um excesso (*tropmatisme*, C. Soler) que é um buraco (*troumatisme*) no simbólico, (idem, p.24).

No início, como proposto acima, era um “*al-gozo*” para designar que havia um algo, um gozo da Coisa ou a Coisa mesma, um gozo do corpo e a palavra vem provocar um efeito explosivo *cria-dor* e *destrui-dor*. Explosão criadora da possibilidade de desejo, enfim, de vida e, ao mesmo tempo, destruidora do que antes reinava em berço esplêndido, um nada! Ivan Correa esclarece que a “busca dessa origem é um mero operador que não

livra o sujeito de se deparar com a angústia de castração. Sua organização em sintomas tem a ver com a ausência de representação da origem.”⁵.

Esse nada irrepresentável atravessa o corpo, dá vida ao corpo porque se mantém como nada, como espectro, no objeto causa do desejo, objeto *a* (objeto pequeno *a*), invenção lacaniana, o qual, por sua vez, traz a herança de gozo, um nadinha de gozo servido num cadinho (pequeno vaso refratário para fundir metais preciosos), um objeto de gozo ou lido com Valas: o gozo causa o desejo⁶.

Retomando Ivan Correa, essa origem se apresenta como um Real (idem, p.121), um Real que remete à identificação ao sintoma. Há um gozo inteiro que se desprenderá desse corpo disforme, massa bruta que sofrerá um corte, uma perda, uma falta. Mas nesse corpo nada falta. É falta hipotética ancorada na linguagem, pela impossibilidade de dizer da experiência da completude anterior.

Esse processo, agora com Néstor Braunstein, fica assim emoldurado “A palavra tira o gozo do corpo e se encarrega de dar corpo ao gozo, outro corpo, um corpo de discurso”. (p.74). Portanto, gozo absoluto antes da fala, corte na carne, a palavra, e universo gozante novamente? Há um antes e depois, há uma fala que faz corte, barrando o gozo, e, ao mesmo tempo, permite que uma “sobra”, um “resto” desse gozo escape e se eternize como falta, como objeto *a*, a partir desse momento, o gozo em Lacan é expurgado de uma dimensão ou lógica dialética, para ingressar no campo da ética. O gozo faltante será causa do desejo, justamente porque só com o desejo será possível vislumbrar o que seria o gozo.

Chegamos aos discursos, onde o gozo retoma seu lugar, porque se fala para gozar, com o objeto *a* na sua função de mais-de-gozar, daí os giros no discurso, com diferentes modos de gozar, seja com o mestre, a histórica, o universitário ou o analista⁷.

Gozo vazio de significante, contudo, simbolizado pelo gozo perdido, gozo linguajeiro relacionado ao fálico em cada um que fala. Sim, o inconsciente é estruturado como uma linguagem, nos diz Lacan, assim como, o “inconsciente depende do gozo e é um aparelho que serve para a conversão do gozo em discurso”. (idem, p.26). Para Néstor Braunstein o sentido dessa assertiva lacaniana repousa em Freud

“o sonho é a realização de um desejo”, ou melhor, o sonho é “alucinação do gozo e também defesa em relação a ele (em suma, formação de compromisso), pois esbarra no impossível de representar e dizer. É sabido que o processo de interpretação do sonho encontra um limite no contato com a satisfação desnuda do desejo que deve figurar e que esse é o momento de despertar e da angústia. A angústia é o afeto que se interpõe entre o desejo e o gozo, entre o sujeito e a coisa. (p.26).

Mas também, gozo para além de qualquer subjetividade, porque corpo, o gozo em seu caráter particular, aquele que se apropria, expropriando (p. 17), pois o outro deve

⁵ CORRÊA, I. A escrita do sintoma. Recife: Centro de Estudos freudianos do Recife, 2006, p.121.

⁶ VALAS, P. As dimensões do Gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 68.

⁷ LACAN, J. O avesso da psicanálise, livro 17. Rio e Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

renunciar “às suas pretensões sobre esse objeto” (p.17), ou seja, a renúncia para que um corpo goze, esse é o aspecto do princípio econômico refletido na teoria de Direito.

Aliás, indo direto à fonte, com Lacan no seminário O desejo e sua interpretação

A fenomenologia jurídica carrega as marcas disso. Quando se diz que se outorga a alguém o gozo, o usufruto de um bem, o que isso quer dizer, senão, justamente, que é perfeitamente concebível, humanamente falando, ter um bem de que não se goze, de que não se desfrute, mas do qual outro goze? O objeto revela aqui sua função de caução do desejo, pode-se dizer, para não dizer de refém.⁸

O gozo descobre uma via de permanência, numa experiência que é impossível, pois que barrado em sua imanência, substituído pela palavra, aceitando sua Lei, uma Lei universal, a da castração, essa, simbólica, objetivada na falta, que é desejo. Desejo, inclusive, que se mostra intransigente, daí a inversão dialética proposta por Néstor Braunstein de “Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (Lacan, seminário a angústia, p. 197), para “o amor, pode fazer com que o desejo condescenda ao gozo.” (p.336), nas últimas linhas do livro Gozo.

Seria essa via de permanência como a repetição ou um categórico que se projeta na construção de uma clínica do Real? Talvez seja inescapável, o gozo é o Real do Real que expelle a substância gozosa e que permite levantar a possibilidade da clínica do impossível, a clínica do Real, desse modo remeto a um dos questionamentos que nos instigam nessa presença: o que se faz ao analisar? Ou o que fazemos quando estamos em análise? Talvez a resposta possível seja: graduando o gozo! Graduando aquilo que excede, aquilo que parece o mais permanente, manejando a angústia, precavendo-se (?) se é que isto seria possível, da formação de novos sintomas numa contabilidade difícil de encontrar um balanço,

O gozo é assim transplantado, exilado do corpo para a linguagem: “Fazer passar o gozo para o inconsciente, ou seja, para a contabilidade, é com efeito um maldito (*sacré*) deslocamento”.⁹

Se seguirmos o que ele diz em relação a que nenhum conceito psicanalítico pode ser fixado no tempo, essa afirmação acompanharia a questão que envolve novas formas clínicas, uma certa “evolução” ou “involução” a depender do ângulo de referência? Nesse caso, poderíamos falar de gozo na contemporaneidade e este seria diferente de outras formas de gozo ao longo do processo civilizatório? Ou seria uma simples questão de terminologias, há um gozo do corpo e um gozo fálico, fazemos uma pausa e eis que nos deparamos com uma outra lógica ou uma topológica, na qual Lacan esboça que seu objeto *a* constitui a única forma de se elaborar sobre o gozo e isto só se sustenta por ter as três rodinhas de barbante, Real, Simbólico e Imaginário¹⁰. Gozo do corpo, chamado por Lacan de Gozo do Outro, é o gozo da vida e o gozo fálico, fora do corpo, linguajeiro, ambos separados pelo objeto *a*, no furo da cadeia.

⁸ LACAN, J. O desejo e sua interpretação, livro 6. Rio de Janeiro: Zahar, 2016, p.122.

⁹ LACAN, J. Televisão in Outros Escritos, apud BRAUNSTEIN, idem, p. 178.

¹⁰ LACAN, J. A Terceira. [Lacan -A Terceira.pdf - Google Drive](#) Circulação interna da Escola Letra Freudiana, Rio de Janeiro.

Sigamos com o conceito de gozo acompanhando um percurso que seguirá durante o ano de 2023, quem sabe se nesse trajeto estaremos aptos a responder ou esclarecer algo a mais sobre o *algo* de gozo ou lançar mais perguntas? Fica a aposta!